

Informação e linguagem do produto: a confecção artesanal do tear utilizado no bordado filé como uma prática vernacular*Information and language of the product: the handmade confection of the loom used in filé embroidery as a vernacular practice***Juliana Donato de Almeida Cantalice**

Prof. Msc. do Curso de Design Bacharelado
Universidade Federal de Alagoas (UFAL)
juliana.donato@fau.ufal.br

Steffane Luiza Costa Neves

Graduanda do Curso de Design Bacharelado
Universidade Federal de Alagoas (UFAL)
steffaneluiza@hotmail.com

Layane Nascimento de Araújo

Graduanda do Curso de Design Bacharelado
Universidade Federal de Alagoas (UFAL)
layane.n.araujo@gmail.com

Anderson Elias Silva de Melo

Graduando do Curso de Design Bacharelado
Universidade Federal de Alagoas (UFAL)
andersoneliassm@gmail.com

Sandro Alisson Neris dos Santos

Graduando do Curso de Design Bacharelado
Universidade Federal de Alagoas (UFAL)
neris.sandroalisson@gmail.com

design vernacular, artesanato, tear, informação e linguagem do produto

O fazer manual é, sobretudo, uma forma de expressão daqueles que transformam matérias-primas simples em arte. Nesse contexto, o presente artigo traz uma análise acerca da confecção do tear — artefato utilizado para a execução do bordado filé — como uma prática de natureza artesanal e vernacular, por meio da personalização e reapropriação de materiais e recursos locais. O estudo consiste em uma revisão bibliográfica e é fundamentado pela pesquisa de campo através da utilização de métodos observacionais e interacionais. Tendo em vista que os signos e os produtos se comunicam, transmitem sensações e possuem significados, o objetivo do artigo é estabelecer uma ponte entre os conceitos de informação e linguagem do produto, trazendo reflexões acerca da relação direta entre esses temas e as atividades manuais. Para tanto, utilizando o tear como objeto de estudo para a presente pesquisa, será enfatizado o valor simbólico, tradicional e cultural agregado ao artefato.

vernacular design, handicraft, loom, information and product language

Manual making is, above all, a form of expression for those who transform simple raw materials into art. In this context, this article presents an analysis about the making of the loom - artifact used for the execution of embroidery filé - as a practice of artisanal and vernacular nature, through the personalization and reappropriation of local materials and resources. The study consists of a bibliographical review and is based on field research, through the use of observational and interactional methods. Given that signs and products communicate, transmit sensations and have meanings, the purpose of the article is to establish a bridge between the concepts of information and language of the product, reflecting on the direct relationship between manual activities. To do so, using the loom as object of study for the present research, will be emphasized the symbolic, traditional and cultural value added to the artifact.

1 Introdução

O artesanato é uma linguagem de conhecimento e justamente por ser uma linguagem, o artesanato consegue comunicar-se: ao mesmo tempo em que recepta do artesão toda sua cultura e tradição, informa ao usuário e ao espectador sua origem (Barros, 2008). Nesse sentido, o artesanato e o Design Vernacular são vertentes que permeiam o mesmo universo, uma vez que através de conhecimentos tácitos, geram artefatos de forma espontânea e sem um conhecimento formal por trás de seu desenvolvimento. De cunho cultural e social, essas práticas artesanais e vernaculares carregam elementos simbólicos e tradicionais que estão presentes desde o seu processo de idealização, até o produto final gerado.

Dentre as diversas produções manuais presentes no Brasil, encontra-se o bordado filé do Pontal da Barra - Maceió, como um dos símbolos mais representativos da cultura do estado de Alagoas. Sendo uma tipologia artesanal conhecida pela sua autenticidade e complexidade, o filé alagoano consiste em um bordado formado por uma rede presa nas extremidades de um tear, resultando em pontos geométricos e autênticos feitos com linha de algodão.

Além do caráter artesanal do ofício, ressalta-se o processo de produção como um todo, e na ativação da rede de atividades que o mesmo promove: os artesãos confeccionam os materiais que são necessários para a execução do bordado. Com isso, observa-se o caráter vernacular presente na confecção do tear, como uma forma de gerar produtos pela própria população para suprir as necessidades locais. No que se refere a capacidade de expressar a identidade daquele que o produziu, destaca-se ainda, além da função prática do tear, o importante valor cultural agregado ao artefato.

A interação entre o artesão e seus próprios artefatos, é composta por informações, mensagens, e valores simbólicos que vão além de sua forma e função. Assim, ressaltando que os signos e os artefatos estão diretamente ligados, visto que ambos se comunicam, transmitem sensações e possuem significados, convém deter-se sobre cada um desses conceitos e como estes relacionam-se entre si.

Tendo isso em vista, o presente artigo aborda a análise da confecção do tear como uma prática de natureza artesanal e vernacular, por meio da personalização e reapropriação de materiais e recursos do próprio ambiente. O mesmo será fundamentado em embasamentos teóricos e pela pesquisa de campo através de métodos observacionais e interacionais. Além desses aspectos, o artigo também traz abordagens acerca da relação direta entre o artesão e seu artefato, com o objetivo de salientar o valor simbólico agregado ao fazer manual e como estes expressam-se na linguagem do produto.

O estudo que será apresentado a seguir, é um recorte de uma pesquisa realizada junto aos artesãos do Pontal da Barra de Maceió e à comunidade acadêmica, o qual faz parte de um Projeto de Extensão e do Laboratório de Experimentação em Design - LED, ambos da (*nome da instituição ocultado para avaliação*), constituindo uma equipe multidisciplinar composta por alunos de graduação, colaboradores e um docente.

2 O fazer manual: a relação entre o artesanato e o Design Vernacular

Em seu entendimento original, de acordo com Lima (2003), a palavra artesanato traduz uma prática ou um objeto que tem por origem o fazer eminentemente manual, sendo as mãos o principal — ou até mesmo o único — instrumento utilizado na confecção de determinado artefato. Ainda segundo o autor, o uso de ferramentas, quando ocorre, se dá apenas como um complemento ou extensão das mãos, sem ameaçar a predominância e a essência do fazer manual. Durante a atividade, é o gesto humano que determina o ritmo da produção, onde o próprio artesão impõe sua identidade sobre o produto.

Em termos tradicionais, o artesanato retrata uma forma de expressão tradicional transmitida na qual mãos habilidosas transformam matérias-primas simples em arte. Assim, da mesma maneira que um designer faz ao projetar um produto, o artesão “idealiza” e “designa” a forma e os meios que acredita ser ideal para seu artefato. Entretanto, esse processo de idealização

ocorre de uma maneira não-formalizada, implícita e espontânea, no qual o conhecimento utilizado para a execução da prática artesanal é, em sua maioria, o conhecimento tácito e subjetivo. Isto é, a transmissão do mesmo se dá através da experiência adquirida ao longo da vida, e por muitas vezes, é disseminado de geração para geração.

Nessa perspectiva, Borges (2011) atribui o artesanato como um dos meios mais importantes de representação da identidade de um povo. Através dele, não só os materiais e as técnicas, mas também os valores coletivos e sociais são fortemente representados. Na discussão, a autora ainda ressalta que as práticas artesanais são historicamente ligadas ao aproveitamento de materiais locais e à reciclagem, muito antes dessas noções serem fomentadas na sociedade como um todo.

Por compreender um caráter cultural e social, o artesanato também pode ser tido como uma prática vernacular, no qual utilizam-se e adaptam-se materiais e recursos do próprio ambiente, através de um conhecimento adquirido de forma experimental e natural. Fukushima (2009), coloca que na área do design, o termo é utilizado para dois tipos de manifestações distintas: uma para designar um artefato típico de alguma região, e outra para designar práticas quem apropriam-se destas características para criar algum artefato.

Na primeira manifestação, o artefato que possui um design “vernacular” é em geral feito por um artesão ou pessoa que detém a base do conhecimento que gerou aquele artefato. Na segunda manifestação, é feito por um designer, que se apropria das características e “imita” deliberadamente o resultado do artefato improvisado (Fukushima, 2009: 60).

Em sua atuação informal, o Design Vernacular feito por aqueles que detém uma base de conhecimento técnico, abrange intervenções alternativas criadas para solucionar demandas específicas, ou até mesmo necessidades básicas do dia-a-dia. Isso se dá, por muitas vezes, através da reapropriação e junção de materiais ou produtos já existentes, adaptando-os de forma artesanal com base na sua realidade local e em seu conhecimento empírico.

A existência de uma necessidade específica ou insólita motiva os objetos a serem transformados, adaptados, ajustados, consertados e remendados. [...] para que uma solução vernacular se efetive, há a necessidade de 3 elementos fundamentais: a) existência de uma necessidade; b) recursos materiais disponíveis; c) definição de uma ideia” (Fukushima, 2009 apud Bouffleur, 2006: 67).

Nessa abordagem, Lima (2005) destaca a liberdade do artesão para definir o ritmo da produção, a matéria-prima, e a forma que o mesmo pretende dar ao objeto que é produto de seu próprio saber e de sua própria criação. Com isso, pode-se dizer que o artesanato e o Design Vernacular são vertentes que conversam entre si, pois é através de atividades realizadas à mão, geralmente sem conhecimento técnico prévio, que as pessoas aprendem a fazer fazendo. Todo trabalho manual agrega conhecimentos tradicionais, simbólicos e culturais, e este traz consigo informações e mensagens que comunicam-se através do artefato gerado. Dessa forma, ressaltando que os signos e os produtos estão intimamente relacionados, convém abordar sobre como os valores culturais e simbólicos agregados ao fazer manual, transmitem informação e comunicam-se na linguagem do produto.

3 Informação e linguagem do produto

Historicamente, têm-se a definição de signo atribuída por Peirce (1997), na qual o autor afirma que signos são algo que representa alguma coisa em um determinado contexto. Nesse sentido, Niemeyer (2003) coloca que a semiótica (do grego *semeion* = signo) é a teoria geral dos signos, e portanto, é inerente à constituição do signo o seu caráter de representação. Com base nessas atribuições, pode-se correlacionar o conceito de signo com um sistema de linguagem e simbologias que são a base para a toda e qualquer forma de informação.

O conceito de informação carrega uma diversidade de significados, e normalmente está ligado aos âmbitos de comunicação, da mensagem e da transmissão de conhecimento. Tal como os signos, os produtos também representam e transmitem informações, significados e sensações através de sua forma, material, textura, contexto, e outros elementos. Em seus estudos sobre o design de produtos, Burdek (2006) defende que os produtos não falam por si

sós, eles são levados a falar por meio da linguagem. Assim, além de seus aspectos funcionais, práticos e estéticos, os objetos também podem traduzir-se como símbolos.

Convém destacar que a semiótica está diretamente relacionada aos produtos, dado que, estes também representam e comunicam-se com o usuário através da linguagem da sua forma e de seus elementos. Niemeyer também destaca que a ocorrência de produtos é resultante da expressão de um cenário político, econômico, social e cultural, dentro das dimensões históricas e geográficas do mesmo. Ainda segundo o autor, quando um produto entra em circulação, além de portar essas expressões, o mesmo passa a ser também um elemento de comunicação, não só portando informações objetivas, mas passando a ser suporte de mensagens do usuário para si próprio e para os outros.

Sob este contexto, é possível compreender como os valores culturais e simbólicos estão fortemente agregados ao fazer manual, bem como transmitem informações e comunicam-se na linguagem do produto. Em termos gerais, pode-se dizer que os produtos provenientes de práticas artesanais e vernaculares, expressam-se através da linguagem de sua forma, a simbologia, o contexto, e a identidade de quem o produziu.

4 Resultados e discussões

No sentido das práticas essencialmente manuais e na carga cultural e simbólica presente na linguagem dos artefatos gerados, têm-se o bordado filé como uma tipologia que representa fortemente o artesanato do estado de Alagoas. Segundo Barros (2008), é com base no tecer e no ensinar a tecer, que os artesãos propagam mais que um ofício rentável: eles transmitem uma tradição centenária, preservando a memória alagoana de geração para geração.

Com base no referencial teórico apresentado anteriormente, será discutido o caráter artesanal e vernacular que permeia o processo de produção do ofício em questão, analisando a confecção do tear como uma forma espontânea de gerar produtos para solucionar as necessidades dos próprios artesãos. Conforme citado anteriormente, o estudo foi fundamentado através de uma pesquisa de campo realizada no Núcleo de Artesanato do Pontal da Barra em Maceió-AL, utilizando-se de métodos observacionais com recursos complementares como fotografias, filmagens e gravações, e métodos interacionais com verbalizações espontâneas e provocadas.

Para um melhor entendimento acerca dos temas abordados, os resultados e discussões da pesquisa foram divididos nos subtópicos abaixo, de forma que serão discutidos além da função prática do tear, o importante valor cultural e simbólico agregado a linguagem do artefato.

4.1 Confecção do tear: uma prática artesanal e vernacular

Típico do Pontal da Barra em Maceió e uma das principais fontes de renda da população que reside na região, o filé recebeu no ano de 2016 uma indicação geográfica pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional — IPHAN, sendo também uma tipologia registrada como patrimônio imaterial cultural do estado, tendo em vista sua tradição e autenticidade.

O bordado caracteriza-se pela utilização de uma rede similar à de pesca, que é presa nas extremidades de um tear de madeira, sendo trabalhado em agulha e linha de algodão, transformando-se na combinação harmônica de vários pontos, como mostra a Figura 1. De acordo com o Instituto do Bordado Filé de Alagoas — INBORDAL (2014), a variedade e a complexidade dos pontos entre si, além do intenso colorido, conferem ao filé alagoano características singulares.

Figura 1. Bordado filé. Fonte: acervo dos autores (2017).



O processo de produção do bordado é caracterizado por uma rede de atividades compostas por basicamente três etapas: a) confecção do tear, b) confecção da rede (malha) e por fim, c) o preenchimento do bordado com linha de algodão e agulha. Esses materiais e instrumentos artesanais, mesmo distintos e confeccionados separadamente, complementam-se e são essenciais para a eficácia da atividade como um todo. Nesse sentido, destaca-se o tear como um artefato fundamental para a confecção das peças, pois sua estrutura permite que a rede seja posicionada e “firmada” enquanto o artesão realiza os bordados sobre a mesma, como ilustra a Figura 2.

Figura 2. Artesãos realizando o bordado sobre o tear. Fonte: acervo dos autores (2017).



Tratando-se especificamente do filé alagoano, o tear utilizado pelos artesãos caracteriza-se, de um modo geral, como um quadro vazado. Em sua maioria, são utilizados 4 filetes de madeiras diversas ou até mesmo são reaproveitados cabos de vassouras. Suas extremidades são fixadas através de pregos, formando um objeto semelhante à uma moldura retangular ou quadrada, como ilustra a Figura 3. Suas dimensões variam de acordo com o tamanho das peças que serão produzidas, que vão desde um tear pequeno de 0,70mx1m, à um tear de 2mx2m, por exemplo.

Figura 3. tear com bordados sobre a rede. Fonte: acervo dos autores (2017).



Quanto às suas variedades, normalmente são alocados pregos nas bordas do tear para firmar a rede e garantir uma maior praticidade para reposicioná-la quando necessário. Por outro lado, há quem prefira prender a rede com a própria linha de algodão diretamente na madeira,

sendo o segundo modo considerado mais antigo e tradicional, e o primeiro, desenvolvido ao longo dos anos (Figura 4).

Figura 4. tear com linha de algodão (esquerda) e tear com pregos (direita). Fonte: acervo dos autores (2017).



Em relação às adaptações feitas pelos próprios artesãos, observou-se também que em teares que possuem dimensões maiores, os artesãos, em alguns casos, optam por fixar mais um filete de madeira no meio da estrutura, como uma forma de garantir mais segurança e resistência ao artefato, como mostra a Figura 5. Sobretudo, o tear é personalizado e adaptado de acordo com as necessidades, preferências pessoais e materiais disponíveis.

Figura 5. teares com dimensões maiores. Fonte: acervo dos autores (2017).



Tratando-se da personalização de artefatos gerados manualmente, acrescenta-se para a presente análise, as seis **Categorias de Intervenção** com base em Fukushima (2009) apud Bouffleur (2006). São elas:

1. Uso incomum sem mudança de função ou forma;
2. Simples mudança de função sem alterar forma;
3. Inclusão/exclusão de peças ou componentes, mantendo a mesma função;
4. Mudança da forma para mudar a função;
5. Inclusão/exclusão de partes, peças ou componentes para mudar a função;
6. Composição de um novo artefato a partir do aproveitamento de outros.

No que se refere ao objeto de estudo do artigo (o tear), destaca-se a categoria 4, a qual consiste na mudança da forma para mudar a função. Esta categoria caracteriza-se pela criação de um novo artefato para atender a uma necessidade específica, aproveitando as características de outros objetos. Por sua similaridade, também destaca-se a categoria 6, que caracteriza-se pela confecção de um novo artefato a partir do aproveitamento de outros. Isto ocorre quando utilizam-se de misturas, adaptações e combinações para gerar novos artefatos, que não possuem necessariamente uma relação semântica com o novo produto.

Fazendo um paralelo com a presente análise, observa-se que os artesãos utilizam e reaproveitam materiais simples como os filetes de madeira, ou até mesmo cabos de vassouras, encaixando-se na categoria 4. Com a necessidade de possuir uma estrutura para firmar a rede onde é realizado o bordado, os artesãos adaptam, misturam e combinam esses materiais para

gerar o tear, encaixando-se na categoria 6. Pode-se ainda observar que a categoria 3 também é identificada, uma vez que existe a classificação de 2 tipos de teares: os que possuem bordas com pregos, sendo considerados mais novos no ambiente, e os tradicionais presos com linha. A inclusão e exclusão destes componentes não altera a função básica do tear, mantendo as características principais de uso.

Muito comum em situação de inventos, essas categorias expressam fortemente o caráter vernacular do tear utilizado no bordado filé. Com essa facilidade de reprodução que vai desde o uso de matérias-primas simples à própria fabricação, o tear é um instrumento que cumpre com sua função prática, tornando-se essencial para a confecção do bordado, assim como também tornou-se uma marca registrada dessa tipologia, sendo um ícone que possui uma forte carga simbólica e cultural em sua linguagem.

Assim, atribui-se o artefato como uma solução artesanal e vernacular, pensada de forma espontânea e intuitiva sem uma base de conhecimento formal por trás de seu desenvolvimento. A personalização, adaptação e reutilização de materiais simples, conferem ao produto uma forte simbologia em sua linguagem e em sua forma. Além desses aspectos, o vínculo entre o artesão e o tear, é construído através de uma relação que expressa em sua materialidade, a cultura e contexto pelo qual estão inseridos.

4.2 A linguagem e o valor simbólico do tear

Dentro da perspectiva das produções manuais, em um de seus estudos sobre o artesanato, Borges (2011) afirma que os objetos artesanais surgem como um contraponto aos objetos industriais. A autora destaca que ao invés da uniformidade e da padronização industrial, os produtos frutos do fazer manual são únicos, nunca idênticos. Eles possuem a beleza da imperfeição, assim como transmitem cultura e memórias. Reforçando o argumento da autora, é possível compreender que a principal diferença entre os produtos industriais e os produtos artesanais está justamente no valor agregado àquilo que é feito por mãos habilidosas e tudo que envolve seu contexto.

Figura 6. Artesã executando o bordado manualmente. Fonte: acervo dos autores (2017).



Nesse sentido, o tear é composto por basicamente quatro filetes que encontram-se em suas extremidades, formando uma estrutura quadrada ou retangular. Apesar de sua forma estética visivelmente simples, o artefato que caracteriza-se pelo desenvolvimento vernacular, carrega uma carga simbólica, histórica e cultural de uma tipologia artesanal centenária que está presente até os dias atuais. O fato de ser um instrumento essencial para a execução do filé, fortalece o caráter simbólico do tear que transpõe a sua função prática de firmar a rede para que os bordados sejam realizados. Um exemplo que destaca a expressividade e a simbologia do tear, está na escultura localizada na entrada do Bairro do Pontal da Barra — um dos maiores núcleos do bordado filé do estado de Alagoas (Figura 7).

Figura 7. Escultura do tear como símbolo do Pontal da Barra — Maceió/AL. Fonte: acervo dos autores (2017).



Por meio da feitura do tear, fica nítida a tradição e a cultura que ainda permeia a comunidade produtora do bordado filé, pois, apesar da modernização dos processos artesanais com o passar das décadas, observa-se a permanência da rede de atividades presente no processo de produção do ofício. Com destaque para o tear, observa-se que o mesmo é um artefato que acompanhou essa tipologia artesanal secular, e ainda permanece atualmente com sua mesma forma simples, expressiva e funcional. É um artefato que simplesmente é reproduzido, personalizado e adaptado de acordo com as necessidades, preferências pessoais e materiais disponíveis localmente, dando continuidade à tradição para as novas gerações produtoras do filé. O tear é um símbolo, o qual seu valor simbólico vai além de sua função prática e de sua forma singela.

5 Considerações finais

Com os dados obtidos na pesquisa de campo realizada no principal núcleo produtor de filé do estado, foi possível estabelecer uma ponte entre os conceitos de artesanato, design vernacular, informação e linguagem do produto, conectando os temas a partir de fundamentações teóricas. Sob a perspectiva das temáticas abordadas, é possível estabelecer uma estreita relação entre o artesanato e o Design Vernacular, visto que ambos são naturezas de cunho social e cultural, de forma que suas essências encontram-se, sobretudo, no fazer manual.

O conhecimento tácito presente em ambas categorias, é o responsável pela idealização das soluções e artefatos gerados de maneira despretensiosa, podendo ter as mais distintas finalidades. Seja na prática artesanal ou na vernacular, as respostas geradas solucionam demandas que estão relacionadas às necessidades individuais e/ou coletivas: sendo o artesanato empregado geralmente para fins comerciais ou de subsistência, enquanto a prática vernacular abrange “inventos” criados para suprir necessidades específicas ou do dia-a-dia.

Embora possam ter fins distintos, as práticas manuais como um todo, carregam em sua bagagem elementos simbólicos, históricos e tradicionais que expressam-se através da linguagem dos artefatos gerados. Nesse entendimento, como principal contexto para o estudo em questão, têm-se o bordado filé alagoano como um dos símbolos mais representativos da cultura do estado, tendo em vista a sua autenticidade e complexidade do processo. No estudo apresentado, enfatizou-se o caráter artesanal e vernacular do ofício, dado que, existe uma rede de atividades na qual os próprios artesãos confeccionam os instrumentos necessários para executar o bordado. Um deles é o tear.

O caso do tear confeccionado para executar o bordado filé, expressa justamente as cargas simbólicas, emocionais e culturais que estão agregadas àquilo que é feito por mãos habilidosas. Através do artefato e do contexto que o envolve, é possível identificar a tradição que permeia essa tipologia artesanal secular que ainda permanece viva nos dias atuais. Nesse sentido, têm-se a imagem do tear como um ícone. O produto fala por si próprio: suas características, seu modo de produção visivelmente manual e vernacular, para que serve e

para quem se dirige. Trata-se de um artefato que carrega em sua linguagem, uma bagagem histórica e cultural de mãos talentosas que fazem arte.

Quando se fala no bordado filé alagoano, é impossível destacar apenas os pontos complexos e autênticos feitos com linha de algodão. O valor agregado ao filé não está apenas nos belos produtos finais que são feitos e comercializados pela população, mas sim em todo contexto que envolve a produção: os artesãos realizam a atividade por muitas vezes sentados nas calçadas de suas casas, debruçados sobre tear, bordando com sutileza e habilidade vários pontos geométricos. Não trata-se apenas de peças feitas manualmente, a essência do filé está na sua origem, em como é feito, e pra quem é feito.

Referências

- BARROS, Maíra Carneiros. 2008. *O artesanato alagoano: filé*. In: *Home: Iv Colóquio de Moda* <http://coloquiomoda.hospedagemdesites.ws/anais/anais/4-Coloquio-de-Moda_2008/42268.pdf>, 26/06/2017.
- BORGES, Adélia. 2011. *Design + Artesanato: o caminho brasileiro*. São Paulo: terceiro nome.
- BÜRDEK, Bernhard E. 2006. *História, teoria e prática do design de produtos*. São Paulo: Edgard Blucher.
- FUKUSHIMA, Naotake. 2009. *Dimensão Social do Design Sustentável: contribuições do Design Vernacular da população de baixa renda*. Programa de Pós-Graduação em Design, Universidade Federal do Paraná.
- LIMA, Ricardo Gomes. 2003. *Artesanato e arte popular: duas faces de uma mesma moeda*. Rio de Janeiro: CNFCP. In: *Home: CNFCP*. <http://www.cnfcp.gov.br/pdf/Artesanato/Artesanato_e_Arte_Pop/CNFCP_Artesanato_Arte_Popular_Gomes_Lima.pdf>, 13/06/2017.
- LIMA, Ricardo Gomes. 2005. *Artesanato de tradição: cinco pontos em discussão*. Olhares itinerantes: reflexões sobre artesanato e consumo de tradição. Cadernos ArteSol 1. São Paulo.
- IBARRA, Maria Cristina; RIBEIRO A.C. Rita. 2014. *O design e a valorização do vernacular ou de práticas realizadas por não-designers*. Gramado, RS: 11º P&D Design.
- INBORDAL, 2014. In: *Home: Inbordal*. <<http://www.inbordal.org.br/>>, 13/06/2017.
- NIEMEYER, Lucy. 2003. *Elementos da semiótica aplicados ao design*. Rio de Janeiro: 2AB Série Design.
- PIERCE, Charles. 1962. *Semiótica e filosofia*. São Paulo: Cultrtrix.
- PIERCE, Charles. 1977. *Semiótica*. São Paulo: Perspectiva.